

CIDADE perde hotel de quase um século. s.n., Campinas, 28 set. 1982.

CAMPINAS, TERÇA-FEIRA, 28 DE SETEMBRO DE 1982

## Hotel Pinheiro está sendo demolido Cidade perde hotel de quase um século

Espremido no centro da cidade, o Hotel Pinheiros não conseguiu completar a nona década de sua existência. Não resistiu ao rolo compressor do avanço imobiliário, não hospeda mais seus clientes de longos anos, não serve refeições tipicamente caseiras e também não figura mais como o mais tradicional hotel de Campinas. Aliás foi o primeiro. Mas seus 82 anos serão sepultados sem receber as honras de ter sido o hotel que abrigou inúmeros políticos e pessoas importantes, artísticas durante muitas décadas.

O drama maior mesmo ficou para as 10 famílias que nele residem há muito tempo. No início, quando se anunciou a venda do prédio, estas pessoas não acreditaram. Até que, sem poder se esquivar da realidade, arrumaram as malas, apanharam seus pertences e acenaram com um adeus. Mais implacável ainda são os pedreiros que retirando os pesados e resistentes tijolos das paredes, derrubando as jardineiras ainda com algumas plantinhas reminiscentes e a comercialização do material histórico — portais, vidraças, venezianas e tudo mais que constituía o belo casarão de número 471 da rua Ferreira Penteado.

Quem fala dos últimos dias do hotel é Airton José do Couto, esposo da herdeira e proprietária, dona Lúcia Helena Pinheiro do Couto. O valor da transação imobiliária ninguém sabe dizer, nem tão pouco calcular. Ninguém sabe também se, no terreno do casarão, vai ser instalado um estacionamento, uma casa de comércio ou um edifício de muitos andares. Este último é o mais provável. "Ninguém resiste a tentação das grandes construtoras ou empresas. E este caso não é diferente", compara Airton do Couto.

Mas, na verdade, não foi o primeiro e único golpe que a família Pinheiro sofreu nestes oitenta e tantos anos no ramo hoteleiro. No início da década de sessenta, com o alargamento da avenida Senador Saraiva, o prédio número 304 da rua Costa Aguiar também foi engulido pelo "avanço do progresso", e foi daí que a família transferiu o hotel para a Ferreira Penteado. Mas o padrão de atendimento não mudou nunca: "Não permitíamos clientes para curta permanência, a comida alimentava toda nossa família e a higiene era primordial", salienta Airton do Couto.

Durante quase vinte anos, dona Lúcia Helena sacrificava muitas horas no atendimento do hotel e só saía de lá quando tudo estava devidamente acertado. "Nós — atalha ele — relutamos alguns meses para não fechar o hotel. Entramos na Justiça, contratamos advogados, mas nada disso adiantou. Tivemos que entregar o prédio".

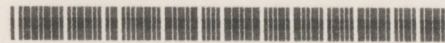


O Hotel Pinheiro durou 82 anos

Nos últimos anos a freguesia era baseada em viajantes antigos, pessoas que vinham a Campinas para tratamento médico e as 10 famílias de aposentados, viúvos etc. Os viajantes aportavam ali por causa do tratamento sem distinção. "Lugar bastante sossegado, sem arruaça", diz Airton. Já as pessoas que procuravam médicos e hospitais da cidade — a grande maioria de Mato Grosso e Goiás — era por que o local não tinha muito luxo e acima de tudo barato.

Mas o desfecho final, irreversível, da longa história do Hotel Pinheiro foi dramático para as 10 famílias que viviam "muito bem, com todo o conforto", nos quartos espaçosos do hotel. Foi necessário, segundo Airton, pedir um prazo maior para a entrega do prédio, até que estas famílias fossem para um outro local semelhante. Quando o último hóspede se despediu de dona Helena, o hotel deixou de existir.

Algumas semanas depois — ou até uns dois meses depois — vieram os pedreiros para mais uma empreitada: derrubar o prédio. No lugar do silêncio abafado que era constante no interior do casarão de 30 quartos, do mobiliário secular, aparecem as marretas, picaretas, cunhas e vão usar agora até britadeiras. Os resistentes tijolos do tipo "baiano" não são fáceis de ser extraídos das paredes espessas. As jardineiras estão enterradas como marco comemorativo. Tudo ali tem que ser cuidadosamente retirado: é que as venezianas, portas etc., serão vendidos para outras construções, de outros estilos e que já fazem parte também de outra história — as modernas edificações de concreto determinadas para o futuro.

HOSPEDARIA de políticos. s.n., Campinas, 28 set. 1982.

## Hospedaria de políticos

Washington Luiz Pereira de Souza, Júlio de Mesquita, Francisco Glicério, Cirilo Júnior foram algumas das personalidades que se hospedaram no Hotel Pinheiro, o mais antigo da cidade.

Mas a verdadeira história do Hotel Pinheiro tem um marco importante: foi inaugurado no dia 11 de agosto de 1900, exatamente no "Dia de Pindura" e, mais curioso ainda, às vésperas da fundação da Associação Atlética Ponte Preta. A idéia, a princípio, foi a de funcionar na condição de pensão. Manoel Pinheiro e o comerciante João Jorge Figueiredo entraram num acordo para que a pensão recebesse o maior número de hóspedes. O comerciante custeava a estada de seus compradores que vinham do interior afora, adquirir lotes de mercadorias.

E a pequena empresa prosperou, passando a servir banquetes e jantares comemorativos, sempre patrocinados por políticos e famílias abastadas da época. O cardápio aliás, era em francês, tal a sofisticação que se alcançou na ascensão de Manoel Pinheiro.

Mas serviu também figuras como Júlio Mesquita, que tinha um quarto reservado só para ele, estando ou não em Campinas.

Airton José do Couto, ainda relembra muitas histórias que emolduraram a rigidez de seu Manoel no andamento dos negócios. Lembra-se ainda de algumas vaidades dos hóspedes, como Mesquita, que não almoçava de jeito nenhum sozinho numa mesa. Ou pedia ao "seo" Manoel que mandasse um filho à mesa, ou então vinha com alguns amigos, como Leopoldo Amaral e Joaquim Alvaro de Camargo.

Dias antes de estourar a revolução de 1924, Mesquita foi informado do acontecimento iminente e avisou Manoel Pinheiro que haveria racionamento de alimentos. O português, na hora, mandou vir 20 barricas de açúcar, mais 20 de arroz e um caminhão de mantimentos. Nenhum hóspede ficou sem comida.

### "Consulado português"

Mas Manoel Pinheiro não era só homem ligado aos negócios de hotelaria.

Sempre ajeitava a vida de um e de outro, sem exceção a de patrícius que vinham de Portugal. Colocava-os nos quartos dos fundos, dava comida e, assim que surgia oportunidade, empregava-os. Fez também filantropia — ajudou a fundar a Beneficência Portuguesa.

Algumas pessoas, entretanto, contam histórias dos portugueses, recheadas de muita ironia. Como é o caso de um deles que veio ao Brasil e ficou alguns dias, ou meses, no Hotel Pinheiro. Certo dia Manoel arranhou um emprego para ele na Estrada de Ferro Paulista. No outro dia o português enviou uma carta à sua família, que ainda estava em Portugal, dizendo que tinha arrumado um emprego de "Tesoureiro". Um mês e pouco depois de ter recebido a carta, a família desembarca em Campinas, após ter vendido os últimos pertences. Mas houve um imperdoável equívoco do lusitano: tinham dado a ele uma tesoura enorme para cortar grama e podar plantas (uma espécie de jardineiro) só que, na carta, adjetivou erroneamente sua atual profissão. Manoel Pinheiro teve que alojar a família também. Por isto, ainda a ironia, o hotel ficou conhecido como "Consulado Português".

### Reduto de políticos

Washington Luiz, por exemplo, quando vinha a Campinas telefonava antes avisando de sua viagem e escolhia o cardápio. Foi assim por muitos anos. E nasceu uma grande amizade de Pinheiro com o político. Quando eleito presidente da República, Washington Luiz convidou Manoel Pinheiro para ir visitá-lo no Rio de Janeiro. Lá contava o que se passava pelo Interior do Estado, e almoçou com o presidente no Palácio do Catete — foi assim por diversas vezes.

Com a criação do Viaduto Miguel Vicente Cury, a área onde estava o hotel — recentemente remodelado — foi desapropriada pela Prefeitura. Manoel já tinha morrido, seu neto gerenciava o hotel, mas alguns anos depois faleceu. Então, passou para a única herdeira, dona Lúcia Helena.



Washington Luiz gostava de se hospedar no Hotel Pinheiro